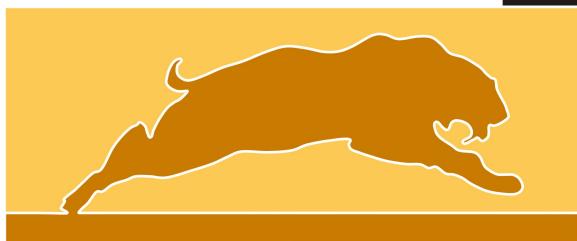
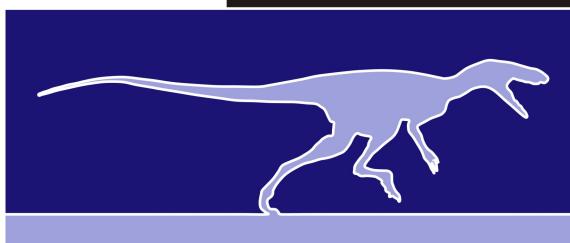
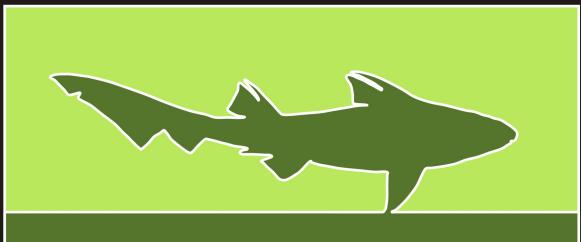




Paleontologia em Destaque

Boletim Informativo da Sociedade Brasileira de Paleontologia

Edição Especial - Maio/2008



**VI Simpósio Brasileiro de
Paleontologia de Vertebrados**

Boletim de Resumos

EDITORES

Max C. Langer
Jonathas S. Bittencourt
Mariela C. Castro

Thylamys cf. T. velutinus é a espécie representada mais freqüentemente em ambos os sítios, com um grande número de espécimes quando comparado com os demais táxons. Os dados sobre paleoambientes e paleoclimas de ambos os sítios são congruentes entre si e com os dados das seqüências palinológicas de áreas próximas aos sítios. A emergência de elementos típicos de sub-região biogeográfica paranaense (*G. microtarsus*) foi provavelmente estabelecida no Holoceno inicial ou no início do Holoceno médio. A persistência das espécies de micro-marsupiais ao longo do Holoceno indica que não houve pulsos climáticos nesta região durante este período, mas que as mudanças climáticas e ambientais foram graduais. A ocorrência de táxons de marsupiais típicos de áreas florestadas (*G. microtarsus*) no mesmo nível de outros de áreas abertas (*Thylamys*) sugere a presença de um ambiente em mosaico, com os dois tipos de vegetação, num cenário de extensas áreas de campo associadas à mata de galeria.

Idades radiocarbônicas inéditas da megafauna pleistocênica da região de Iporanga, Apiaí (sul do estado de São Paulo), corroboram ampla dispersão cronológica dos remanescentes fósseis da megafauna extinta

Alex Hubbe¹

alexhubbe@yahoo.com

Ivo Karmann²

ikarmann@usp.br

Walter Neves¹

waneves@ib.usp.br

¹ Laboratório de Estudos Evolutivos Humanos, Departamento de Genética e Biologia Evolutiva, Instituto de Biociências, USP. São Paulo-SP

² Departamento de Geologia Sedimentar, Instituto de Geociências, USP. São Paulo-SP

Apesar dos estudos paleontológicos no Brasil envolvendo a megafauna pleistocênica terem se iniciado na década de 1830 com o naturalista dinamarquês Peter Wilhelm Lund, o conhecimento acumulado no país sobre estes animais é escasso, principalmente quando comparado com o de outros países. As pesquisas realizadas no Brasil sobre estes animais estão concentradas basicamente na diversidade de espécies e suas relações de parentesco evolutivo, tendo contribuído pouco para a compreensão de sua dispersão cronológica. No entanto, trabalhos recentes preocupados com a cronologia da megafauna em cavernas para os Estados de Minas Gerais e da Bahia mostraram que a dispersão cronológica desses animais foi



muito mais ampla do que se imaginava, variando entre pelo menos 450.000 anos e o limite do Pleistoceno/Holoceno. O objetivo deste trabalho é apresentar um conjunto de seis datações inéditas, obtidas através da técnica de datação pelo carbono-14 (AMS-“Accelerator Mass Spectrometry”) em ossos e dentes da megafauna de cavernas da região de Iporanga, no vale do Ribeira, sul do Estado de São Paulo, e contribuir, desta forma, com o enriquecimento do conhecimento sobre a cronologia da megafauna brasileira. As amostras obtidas para datação provêm do material fóssil coletado desde a década de 1980 na região do Vale do Ribeira, SP, depositado atualmente no Instituto de Geociências e no Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo. O material datado contempla os taxa *Scelidotheriinae*, *Catonyx cuvieri*, *Eremotherium laurillardi*, *Glyptodon clavipes*, *Toxodon platensis* e *Smilodon populator*. As datas obtidas vão de aproximados 10800 a 17800 anos antes do presente (AP), abrangendo um intervalo de 7000 anos. Isto sugere uma sobrevivência tardia desses animais, sendo tais resultados congruentes com a dispersão cronológica para as demais regiões do país (Minas Gerais e Bahia). Os resultados obtidos ainda corroboram a idéia de que a dispersão cronológica da megafauna é ampla e complexa. Desta forma, é temerária a assunção de que o material fóssil encontrado em cavernas brasileiras corresponde todo a uma mesma faixa temporal.

Os hábitos alimentares do exemplar MPMA 67-1/00 através da análise morfológica e dados experimentais

Fabiano Vidoi Iori
bianio.iori@gmail.com

Ismar de Souza Carvalho
ismar@geologia.ufrj.br

Departamento de Geologia, Instituto de Geociências-UFRJ. Rio de Janeiro-RJ

A Bacia Bauru tem revelado um grande número de fósseis de crocodolilomorfos, neste contexto, estão os esfagessaurídeos, família caracterizada principalmente pela morfologia dentária. O material aqui analisado é uma nova forma reportada a esta família e é referenciado como exemplar MPMA 67-1/00. Neste trabalho, são apresentadas algumas inferências quanto aos hábitos alimentares deste espécime, com base na análise morfológica do fóssil e dados experimentais. O exemplar MPMA 67-1/00 se caracteriza por apresentar duas regiões bem distintas no crânio e mandíbula. A primeira metade exibe um rostro bastante afilado, enquanto a metade